

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Música, Filosofia e Educação 2

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

## Música, Filosofia e Educação 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M987 Música, filosofia e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-105-3

DOI 10.22533/at.ed.053190502

1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo.  
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 780.77

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A natureza e o valor da Educação Musical são determinados pela natureza e valor da música. Com base nesta premissa inicial, Reimer estabelece argumentos para afirmar a necessidade de uma filosofia para educação musical: A qualidade da compreensão sobre uma atividade profissional está relacionada ao impacto na sociedade que esta profissão pode obter. Assim, a educação musical só deixaria a “periferia da cultura humana” quando houvesse maior entendimento profissional do valor da educação musical. Para Liane Hentschke, a música não está no rol das “disciplinas sérias” por causa “uso que se tem feito dessa área de conhecimento e da atividade profissional decorrente dela” (Hentschke, Del Ben, 2003, p. 117). Para modificar este panorama, é preciso uma tomada de consciência dos profissionais que estão atuando no campo da pedagogia musical. Reimer entende que o profissional consciente do valor de sua profissão, mais que um elo na comunidade pedagógica, é alguém que tem a visão modificada a respeito da natureza e do valor de sua vida pessoal (1970, p. 4); As bases para a valorização da educação musical exigem a configuração de uma filosofia. No entanto, seus efeitos serão mais produtivos se essa filosofia estiver em desenvolvimento durante a formação do educador musical. Segundo Cláudia Bellochio, as pesquisas sobre educação musical no Brasil poucas vezes são referência para o ensino de música nas escolas, o que constituiria “um hiato entre a produção de pesquisas e a apropriação de seus resultados no contexto da escolarização” (2003, p. 129). Assim, a ausência de uma articulação entre ensino e pesquisa em nossas universidades reforça a necessidade de uma filosofia de educação musical, que seria capaz de conciliar os diversos saberes mobilizados e que estariam conjugados nas ações e reflexões da prática docente; A música é uma disciplina do conhecimento que também constitui caminho para se entender a realidade. Reimer (1970, p. 9) afirma que o aluno que entende a natureza real da música pode partilhar as visões da realidade que a música oferece. O problema nessa questão é o contraste entre o ensino da disciplina e a prática da mesma fora da escola. Enquanto em suas atividades extra-escolares o aluno se conecta com uma vasta gama de opções musicais e trafega por diversos contextos culturais (internet, TV, espaços públicos), na escola ele costuma ter contato com expressões musicais que pouco ou nada tem a ver com sua realidade sonora. Sobre o último ponto, vale esclarecer que não se trata de celebrar acriticamente o conhecimento musical que o estudante traz consigo, prática esta que, em geral, redundaria em uma reprodução destituída de aprofundamento contextual e analítico em relação às canções ou hits da mídia de massa. Por outro lado, a introdução da gramática da música (a teoria) desvinculada do fazer musical espontâneo resulta em uma prática inócua e sem sentido para o aluno. Se as visões concernentes a uma educação musical na contemporaneidade observam os novos contextos estabelecidos na sociedade, concebendo estruturas que constroem uma rede de relações a partir do conhecimento e da experiência do sujeito (Fonterrada, p. 175-6), ainda há nas escolas

um vazio entre o que é ensinado e o que é compreendido e praticado pelo aluno. Em relação a esse tópico, Bennett Reimer argumenta que uma alternativa para a fundamentação filosófica da educação musical é a abordagem estética da música. O autor assinala que a educação musical deve ter entendimento da natureza e do valor estéticos da música, a fim de realmente tornar-se educação musical. Porém, como veremos a seguir, essa opção por uma educação estética encontra oposição e contra-argumentação nos estudos de outros pesquisadores da educação musical.

**No artigo PRINCESA ISABEL: GÊNERO E PODER NO IMPÉRIO E MÚSICA, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Karla Cristina Vicentini de Araujo, Carina Dantas de Oliveira, Viviane Oliveira Augusto, Gabriella Rossetti Ferreira e Paulo Rennes Marçal Ribeiro,** aprofundar conhecimentos sobre as relações de gênero, música e poder no império, verificando a vida da Princesa Isabel. Será utilizado um recorte da história do Brasil, do poder atribuído a Princesa Isabel, e questões particulares, da vida privada e conflitos de gênero vivenciados. No artigo EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: RELIEF STATIQUE (1955) E VOCALISM AI (1956) DE TORU TAKEMITSU, o autor **Luiz Fernando Valente Roveran** busca uma visão endêmica do conceito de música concreta que emerge na década de 1950 em Tóquio. No ARTIGO FAARTES VIRTUAL: UM MODELO DE AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MAZONAS, o AUTOR Jackson Colares da Silva busca descrever um modelo de Universidade Virtual adaptado ao contexto amazônico. **No artigo FEEDBACK EM MUSICOTERAPIA GRUPAL, os autores, Marcus Vinícius Alves Galvão, Claudia Regina de Oliveira Zanini,** buscam estudar, resultado de um projeto vinculado ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC).

**NO ARTIGO FORMAÇÃO HUMANA:** uma breve análise de paradigmas formativos na História da Humanidade e suas implicações ao Filosofar e à educação, as autoras **Letícia Maria Passos Corrêa e Neiva Afonso Oliveira,** disserta sobre o papel do Ensino de Filosofia e sua conexão com os processos relativos à formação humana na direção da compreensão de que nascemos humanos, mas precisamos continuar a sê-lo. No artigo **GOETHE E A EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS FORMAÇÃO A PARTIR DA OBRA OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER,** Márcio Luís Marangon busca analisar a obra Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister, de Goethe. representa uma síntese da dissertação “Guitarra Baiana: uma proposta metodológica para o ensino instrumental” (VARGAS, 2015) **GUITARRA BAIANA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO INSTRUMENTAL, Alexandre Siles Vargas** Busca trazer a síntese da dissertação “Guitarra Baiana: uma proposta metodológica para o ensino instrumental” realizada durante nosso Mestrado em Música na subárea na subárea Educação Musical do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. **No artigo IDEIAS DE H. J. KOELLREUTTER PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL E SUA POSIÇÃO QUANTO AO PAPEL DA**

**ESCU**TA, os autores, **Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira, André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira** apresenta aspectos da influência de Hans Joachim Koellreutter na prática musical e pedagógica no Brasil. No artigo **INTERATIVIDADE E MÚSICA NO VIDEOGAME: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO PARA ÁUDIO DINÂMICO EMPREGADAS NA TRILHA MUSICAL DE JOURNEY (2012)**, o autor **Luiz Fernando Valente Roveran** busca estudar duas técnicas de composição para videogames aplicadas por Austin Wintory à música de Journey (2012). No artigo **JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLETINDO SOBRE AS APRENDIZAGENS GERADAS NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS** as autoras, **Natália Búrigo Severino, Mariana Barbosa Ament**, busca analisar os Estudos em Educação Musical (JEEM) é um evento destinado ao compartilhar de concepções, ideias e práticas de processos educativos em música. No artigo **LUIZ BONFÁ: uma breve trajetória, parcerias e apontamentos do estilo**, o autor **Tiago de Souza Mayer**, o trabalho consiste em traçar uma breve trajetória do violonista e compositor Luiz Floriano Bonfá, de modo a destacar parcerias relevantes e realizar apontamentos sobre seu estilo no violão. Para a fundamentação buscamos referências em Bourdieu (2006), Giovanni Levi (2006) François Dosse (2009). No artigo **MIGRANTES EM BOA VISTA: SUBJETIVIDADE DA MUSICALIDADE GAÚCHA PRESENTE NAS MANIFESTAÇÕES JUNINAS BOAVISTENSE**, autor **Marcos Vinícius Ferreira da Silva e Leila Adriana Baptaglin**, buscou compreender de que maneira a subjetividade da musicalidade gaúcha contribuiu para as múltiplas identidades da musicalidade boavistense. No artigo **a MÚSICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: EM FOCO AS RELAÇÕES COM O MEIO** da autora **Silvia Cordeiro Nassif**, objetivo trazer as contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação musical. No artigo **MUSICALIZAÇÃO NA MATURIDADE: INCLUSÃO DE IDOSOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DA FLAUTA DOCE E DO CANTO CORAL**, o autor **Jovenildo da Cruz Lima**, busca analisar nesta pesquisa a prática de inclusão de pessoas acima dos 60 anos por meio da musicalização com flauta doce, bem como o canto coral, buscando identificar possibilidades para a inclusão do idoso no âmbito da educação musical. No artigo **NA CALADA DA NOITE? SILÊNCIO**, a autora **Priscila Loureiro Reis**, discute a essência da música em sua unidade com o ser e o silêncio, apontando para uma musicalidade que desvela o ser e em tal desvelamento faz desencadear realidade, estabelecer sentido e constituir memória. No artigo **NARRATIVIDADE E RANDOMIZAÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM JOGOS ELETRÔNICOS**, os autores **Fernando Emboaba de Camargo e José Eduardo Fornari Novo Junior**, propõem-se uma solução parcial para esse problema com base na fragmentação de longos trechos de ambiente sonoros associados à narrativa e uma posterior randomização temporal do conjunto de fragmentos sonoros. No artigo **NEGOCIANDO DISTÂNCIAS NAS AULAS DE MÚSICA: REFLETINDO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL MEYER**, a autora **Helen Silveira Jardim de Oliveira** busca compartilhar

algumas reflexões de nossa tese de doutorado defendida no ano de 2014 cujo título foi: Ensinar e aprender música: negociando distâncias entre os argumentos de alunos, professores e instituições de ensino. **No artigo NOVA TRANSCRIÇÃO DE “NOITE DE LUA” DE DILERMANDO REIS PARA VIOLÃO SOLO FUNDINDO A PARTE DOS DOIS VIOLÕES COM BASE NA GRAVAÇÃO ORIGINAL**, o autor Breno Raphael de Andrade Pereira sugere a execução da peça Noite de Lua de modo mais fiel ao áudio original. Essa nossa transcrição diferencia-se das demais pela semelhança com a gravação deixada pelo compositor, contrastando com os demais arranjos disponíveis no grave desvio com relação à *forma*, baixos e ritmo. **O artigo O CICLO DA APRENDIZAGEM CRIATIVA NA AULA DE PIANO EM GRUPO**, o autor José Leandro Silva Martins Rocha, Discute os resultados de uma pesquisa de mestrado (ROCHA, 2015), que teve por objetivo investigar a aprendizagem criativa na aula de piano em grupo, por meio de uma pesquisa-ação com alunos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No artigo **O DISCURSO MUSICAL DO SÉCULO XVIII: ACEPÇÕES DE GOSTO NA OBRA DE FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)**, o autor Marcus Vinícius Sant’Anna Held Neves discorrer sobre diversas emulações retóricas almejadas por Geminiani (1687-1762) em sua obra tratadística, sobretudo nas *Regras para tocar com verdadeiro gosto* (c.1748), *Tratado sobre o bom gosto na arte da música* (1749) e *A arte de tocar violino* (1751).

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| PRINCESA ISABEL: GÊNERO E PODER NO IMPÉRIO E MÚSICA  |           |
| Solange Aparecida de Souza Monteiro  |           |
| Karla Cristina Vicentini de Araujo   |           |
| Carina Dantas de Oliveira  |           |
| Viviane Oliveira Augusto   |           |
| Gabriella Rossetti Ferreira  |           |
| Paulo Rennes Marçal Ribeiro  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0531905021</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>10</b> |
| EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: <i>RELIEF STATIQUE</i> (1955)<br>E <i>VOCALISM AI</i> (1956) DE TORU TAKEMITSU |           |
| Luiz Fernando Valente Roveran  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0531905022</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>18</b> |
| FAARTES VIRTUAL: UM MODELO DE AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE ARTES NA<br>UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS                           |           |
| Jackson Colares da Silva   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0531905023</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>34</b> |
| FEEDBACK EM MUSICOTERAPIA GRUPAL   |           |
| Marcus Vinícius Alves Galvão   |           |
| Claudia Regina de Oliveira Zanini  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0531905024</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>47</b> |
| GOETHE E A EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS FORMAÇÃO A PARTIR DA OBRA OS ANOS DE<br>APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER                                 |           |
| Márcio Luís Marangon   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0531905025</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>60</b> |
| GUITARRA BAIANA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO INSTRUMENTAL  |           |
| Alexandre Siles Vargas   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0531905026</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....  | <b>76</b> |
| IDEIAS DE H. J. KOELLREUTTER PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL E SUA POSIÇÃO<br>QUANTO AO PAPEL DA ESCUTA                                |           |
| Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira   |           |
| André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0531905027</b>   |           |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>85</b>  |
| INTERATIVIDADE E MÚSICA NO VIDEOGAME: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO PARA ÁUDIO DINÂMICO EMPREGADAS NA TRILHA MUSICAL DE <i>JOURNEY</i> (2012) |            |
| Luiz Fernando Valente Roveran   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.0531905028   |            |
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....   | <b>95</b>  |
| JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLETINDO SOBRE AS APRENDIZAGENS GERADAS NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS   |            |
| Natália Búrigo Severino   |            |
| Mariana Barbosa Ament   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.0531905029   |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....  | <b>102</b> |
| LUIZ BONFÁ: UMA BREVE TRAJETÓRIA, PARCERIAS E APONTAMENTOS DO ESTILO  |            |
| Tiago de Souza Mayer  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.05319050210  |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....  | <b>111</b> |
| MIGRANTES EM BOA VISTA: SUBJETIVIDADE DA MUSICALIDADE GAÚCHA PRESENTE NAS MANIFESTAÇÕES JUNINAS BOAVISTENSE   |            |
| Marcos Vinícius Ferreira da Silva   |            |
| Leila Adriana Baptaglin   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.05319050211  |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....  | <b>121</b> |
| MÚSICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: EM FOCO AS RELAÇÕES COM O MEIO   |            |
| Silvia Cordeiro Nassif  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.05319050212  |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....  | <b>130</b> |
| MUSICALIZAÇÃO NA MATURIDADE: INCLUSÃO DE IDOSOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DA FLAUTA DOCE E DO CANTO CORAL  |            |
| Jovenildo da Cruz Lima  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.05319050213  |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....  | <b>135</b> |
| NA CALADA DA NOITE? SILÊNCIO  |            |
| Priscila Loureiro Reis  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.05319050214  |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....  | <b>152</b> |
| NEGOCIANDO DISTÂNCIAS NAS AULAS DE MÚSICA: REFLETINDO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL MEYER   |            |
| Helen Silveira Jardim de Oliveira   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.05319050215  |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....  | <b>160</b> |
| NOVA TRANSCRIÇÃO DE “NOITE DE LUA” DE DILERMANDO REIS PARA VIOLÃO SOLO FUNDINDO A PARTE DOS DOIS VIOLÕES COM BASE NA GRAVAÇÃO ORIGINAL                            |            |
| Breno Raphael de Andrade Pereira  |            |

DOI 10.22533/at.ed.05319050216

**CAPÍTULO 17 ..... 175**

O CICLO DA APRENDIZAGEM CRIATIVA NA AULA DE PIANO EM GRUPO

[José Leandro Silva Martins Rocha](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050217

**CAPÍTULO 18 ..... 189**

O DISCURSO MUSICAL DO SÉCULO XVIII: ACEPÇÕES DE GOSTO NA OBRA DE FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)

[Marcus Vinícius Sant'Anna Held Neves](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050218

**CAPÍTULO 19 ..... 205**

O ENSINO DE SAMBA-REGGAE BASEADO NA TEORIA ESPIRAL DO DESENVOLVIMENTO MUSICAL DE SWANWICK E TILLMAN

[Alexandre Siles Vargas](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050219

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 220**

## MIGRANTES EM BOA VISTA: SUBJETIVIDADE DA MUSICALIDADE GAÚCHA PRESENTE NAS MANIFESTAÇÕES JUNINAS BOAVISTENSE

**Marcos Vinícius Ferreira da Silva**

Curso de Música – UFRR

Boa Vista – RR

**Leila Adriana Baptaglin**

Curso de Artes Visuais – UFRR

Boa Vista – RR

**RESUMO:** Esse trabalho investigou o período do processo migratório para Roraima, compreendendo a Era do Rádio, o garimpo e o Projeto Rondon, período que as pessoas escutavam músicas nas rádios AM's, além das festividades juninas realizadas pelos governos municipal e estadual. Objetivamos compreender de que maneira a subjetividade da musicalidade gaúcha contribuiu para as múltiplas identidades da musicalidade boavistense. Foram realizadas entrevistas verificando sobre essa influência do rádio, do contato com outras culturas e, a presença das festividades durante o século XX. Além das entrevistas observamos *in loco*, as atividades juninas e as atividades no Centro de Tradições Gaúchas Novas Querência de Boa Vista – RR. Concluímos apontando traços da musicalidade gaúcha presente em Boa Vista – RR por meio do hibridismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Musicalidade gaúcha. Subjetividade. Hibridismo cultural. Boa Vista. Estilos musicais dialogantes.

**ABSTRACT:** This work has investigated the

period of the migration process to Roraima, which covers the Radio Era (or Age of Radio), the garimpo and the Rondon Project, a period that people use to listen to music on AM's radios, in addition to the June festivities held by the municipal and state governments. We aim to understand how the subjectivity of the musicality of Rio Grande do Sul contributed to the multiple identities of the musicality of Boa Vista. Interviews were conducted to verify the influence of radio, contact with other cultures and the presence of festivities during the 20th century. In addition to the interviews, we observed June activities *in loco*, and activities at the Centro de Tradições Gaúchas Nova Querência in Boa Vista – RR. We concluded pointing out traces of the musicality of Rio Grande do Sul presents in Boa Vista – RR through the hybridism.

**KEYWORDS:** Rio Grande do Sul brazilian musicality. Subjectivity. Cultural hybridism. Boa Vista. Dialogic music styles.

### 1 | INTRODUÇÃO

O Estado de Roraima está situado em uma tríplice fronteira (Brasil-Venezuela-Guiana), e com os Estados do Pará e do Amazonas. É uma das Unidades Federativas criadas com a Constituição de 1988, juntamente com Acre,

Tocantins e Mato Grosso do Sul. Com sua criação, o Estado atraiu interesses de novos sujeitos, oriundos das mais diversas regiões do Brasil e até do exterior, em busca de melhores condições de vida e das riquezas, como a da exploração mineral.

Nesse sentido, chegaram em meados dos anos 1970, os migrantes gaúchos. Alguns atraídos pelo interesse ao garimpo, outros realocados em função do serviço militar e, além daqueles oriundos do Projeto Rondon, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A partir da presença dos gaúchos em Roraima, oriundos da região Sul do Brasil, focamos nossa pesquisa para a música em Boa Vista – RR, que aguçou a seguinte indagação: “de que maneira a subjetividade da musicalidade gaúcha contribui para as múltiplas identidades da musicalidade boavistense”?

Nessa perspectiva da música, nosso escopo ficou delimitado às identidades culturais que são “aquelas que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais linguísticas, religiosas e, acima de tudo nacionais” (HALL, 2006, p. 8). As entrevistas com seis participantes foram realizadas com artistas e intelectuais roraimenses e roraimados. A expressão “roraimados” remete-se às pessoas que nasceram em outros estados, e posteriormente, estabeleceram domicílio em Roraima (SILVA, 2017, p. 50).

Procuramos compreender se há essa “sutura”, pois “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’), o sujeito à estrutura” (HALL, 2003, p. 12), nas manifestações não típicas dos gaúchos em Boa Vista – RR. Analisamos duas festividades de São João: Boa Vista Junina e o Arraiá do Anauá, e concluímos apresentando os apontamentos convergentes, divergentes e consensuais acerca da subjetividade gaúcha nas múltiplas identidades da musicalidade boavistense.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

Ao analisarmos o cenário da música durante o início da Era Vargas, a difusão musical no Brasil ocorreu por meio das grandes Rádios Difusoras através das ondas das rádios AM's (amplitudes moduladas), que eram transmitidas de longínquas metrópoles e que influenciou as pessoas, bem como embalou a vida do brasileiro.

A famosa Era do Rádio despontou grandes nomes da música no cenário nacional, inclusive surgiu os Programas de Calouros, sendo um deles apresentado pelo compositor de *Aquarela do Brasil*, Ary Barroso. Nesse sentido, eclodiu o catarinense Pedro Raymundo com o grupo Quarteto dos Tauras, que no Rio de Janeiro e na Rádio Mayrink Veiga emplacou a toada *Gaúcho Alegre*, com a indumentária do gaúcho pilchado. Logo após o conjunto ser desfeito, Raymundo estourou nacionalmente com o sucesso *Adeus Mariana*, gravado em 78 RPM pela gravadora Continental, e projetou no País a figura do gaitero gaúcho.

Em contraponto, surgiu durante o mesmo período da Era do Rádio, um acordeonista ou sanfoneiro, o pernambucano Luiz Gonzaga, que participou do Programa de Calouros

apresentado por Ary Barroso, e após, entrou para o *cast* de diversas rádios, isso na década de 1940. Gonzaga entrou em contato com duas pessoas que mudou a sua vida musical: Pedro Raymundo e Humberto Teixeira. Após esses contatos, Teixeira passou a ser seu letrista e parceiro estratégico nas composições, compondo a música *Baião* em agosto de 1945, e dentre outras composições, surgiu em 1948 a obra referência dessa parceria, a célebre *Asa Branca*.

Podemos afirmar que a gaita no Sul, acordeom no Sudeste e sanfona no Nordeste, atingiu seu ápice no Brasil durante a Era do Rádio, primeiramente por meio da contribuição de Pedro Raymundo, que por se apresentar pilchado, influenciou a personificação do vaqueiro nordestino de Luiz Gonzaga. Ao ser indagado na entrevista ao Pasquim em 1971, Gonzaga elucidou os motivos de utilizar a indumentária do cangaceiro, incluindo o chapéu de couro e gibão, “além da inseparável sanfona, que é a gaita dos nordestinos. O gaúcho com aquela espora, bombacha, chapelão. [...] Por que é que o nordestino não tem a sua característica?” (WEIS, 2006, p. 3).

Ambos contribuíram nesse período e influenciaram acordeonistas, “Lua” ao se apresentar com o gibão e chapéu de couro, e Pedro Raymundo pilchado, mostram as forças das culturas de suas origens, que validou as múltiplas identidades culturais. Posteriormente ao período da Era Vargas e em parte do regime militar, essa música perdeu a sua força no final dos anos 1960, quando surgiu a bossa nova, além da invasão inglesa, do *Rock* dos *Beatles* e *Rolling Stones*, cujo “fascínio os novos instrumentos como as guitarras elétricas e os teclados passam a exercer com a ascensão do *Rock*” (PERES, 2008, p. 7).

De um lado, a presença expansiva da televisão disputou audiência com as rádios, transmitindo os Festivais e revelou novos nomes da música brasileira, no qual exemplificamos Roberto Carlos e a Jovem Guarda, a música de protesto de artistas como Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque. Durante essa consolidação da era televisiva, a partir de meados dos anos 1960, o regionalismo gaúcho se alavancou com o MTG e a expansão dos CTG Brasil afora.

Devemos também considerar acerca desse hibridismo, as inúmeras transformações na sociedade brasileira, que migrou da zona rural para a zona urbana, fenômeno que culminou com a celeridade do êxodo rural e contribuiu indiretamente nessa construção identitária que foi investigada.

### **3 | HIBRIDISMO ENTRE A MUSICALIDADE RORAIMENSE E A MUSICALIDADE GAÚCHA**

Inseridos nesse contexto musical, os roraimenses e roraimados escutavam o rádio, que disseminou diversas culturas, principalmente durante o período de migração, e surgiu um interstício dessa subjetividade da musicalidade gaúcha, que acreditamos, primeiramente foi difundida na Era do Rádio por Pedro Raymundo, o gaúcho alegre

do rádio e posteriormente com a chegada dos migrantes, notamos a presença das múltiplas identidades na música boavistense, passando por esse “entre-lugar”, pois:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27).

Nossos entrevistados elucidaram acerca desse processo do contato com outra(s) cultura(s), da existência do sujeito híbrido, pois o hibridismo não é um estado, mas sim um processo, sempre em construção. E as “culturas são construções e as tradições, invenções, e que, quando em contato, criam novas construções desterritorializadas” (SOUZA, 2004, p. 126).

Iremos apontar relatos dos entrevistados, substituindo os nomes reais por nomes fictícios e, escolhemos nomes de povos indígenas alusivas à região de nascimento dos entrevistados.

Essa pesquisa foi realizada com seis entrevistados, abarcando dois expoentes do Trio Roraimense da primeira geração, um da segunda geração, um pesquisador da UFRR, um casal de gaúcho com uma fluminense, assíduos ao CTG Nova Querência (CTGNQ).

Realizamos a primeira pergunta indagando sobre a naturalidade e origens, e os entrevistados elucidaram que possuem origens diversificadas. A natividade dos roraimenses abarca a década de 1950, respectivamente a ordem de nascimento dos roraimenses: 1950, 1956, 1959. Todos os entrevistados vieram ou permaneceram em Roraima por motivo de trabalho, principalmente por causa do concurso público. Enfatizamos que a maioria dos entrevistados roraimenses são concursados.

O gaúcho migrou para Boa Vista – RR em sua fase adulta, por meio do concurso público, enquanto o nortista e o nordestino trabalham e produzem artes em parceria com os roraimenses. Um roraimense é solteiro, e os demais entrevistados possuem filhos, inclusive makuxi, em referência aos filhos roraimenses que nasceram aqui.

As pessoas que nascem em Roraima e são filhos de pais oriundos de outros estados se identificam como roraimenses, e as que são filhos de pais nascidos no Estado se denominam makuxi, o nome da mais significativa etnia indígena do Estado (FREITAS, 2008, p. 110).

Outro roraimense se denomina “ceariba” por ser neto de pai cearense e avô paraibano, e o casal roraimado utiliza a expressão “cariucha” para a sua filha, pois a mãe é carioca e o pai gaúcho. Todavia sua filha é boavistense e/ou makuxizinha, conforme afirmaram na entrevista.

Sobre a pergunta 2, *Porque Roraima, o que lhe faz permanecer aqui?*, temos praticamente uma unanimidade para os motivos que os fazem permanecer aqui. Até os roraimenses, apontaram sobre a tranquilidade para viver, das oportunidades

profissionais e artísticas que não teriam em outras regiões, além das perspectivas para criarem suas famílias.

A pergunta 3, *Conte sobre sua infância, e o que se escutava de música*, foi direcionada aos roraimenses ou aqueles que chegaram aqui durante os anos da predominância da rádio em Roraima:

Eu comecei a cantar com três, quatro anos de idade em um programa de auditório que tinha por aqui, de um comunicador que tinha por aqui, descendente de árabe, chamado Jaber Xaud. Era um cara que vivia aqui, no início dos anos 1960, ele passava as férias com os parentes no Rio de Janeiro e quando voltava, vinha com as novidades. Isso em um tempo que só tinha uma rádio AM aqui em Roraima, e portanto, a televisão só veio chegar quando eu tinha 16 anos (TAUREPANG, 2016, s/p).

Taurepang é roraimense e nasceu em 1959, portanto a televisão só veio chegar em 1975 quando ele tinha 16 anos. Outro roraimense, o Ingarikó, nasceu em 1956, ano da inauguração da rádio, e elucidou sobre o exposto e elencou as suas origens:

Meus avós são nordestinos, (oriundos do) Ceará e Maranhão, que vieram para a Amazônia na época do Período da Borracha, que é de 1850 a 1910, nesses sessenta anos aí, estima-se que meio milhão de nordestinos vieram para a Amazônia, então meus avós vieram nesse bojo aí. Um dado interessante da minha história, é que eu nasci em 1956, e em 1957 é inaugurada a primeira emissora de rádio, [...] e eu passei a infância e adolescência ouvindo a Rádio Difusora Roraima (INGARIKÓ, 2015, s/p).

Podemos perceber que, apesar da pluralidade cultural presente em um país continental como o Brasil, a influência musical desde a tenra idade dos entrevistados, se passou pelas famílias, em especial aquelas que escutavam o rádio, como forma de lazer e entretenimento para os roraimenses e roraimados, que vivem ou viveram durante os anos 1930 da Era Vargas, até a metade de 1970.

Neste aspecto, se evidenciou que a forte migração contribuiu para a identificação com a música regional e a consolidação de ao menos, um gênero musical que determinou o fator hibridismo com a cultura, no nosso caso, boavistense, que estava em franca expansão.

Nesse processo dos estilos musicais dialogantes, não podemos esquecer que no início do século XX, predominava no Brasil o estilo musical das senzalas, o lundu, que com o tempo passou por esse hibridismo, suturando com a *polka*, depois o maxixe e eclodiu em estilos musicais que hoje conhecemos como baião, samba, forró, arrocha, e em Roraima, dialogam com “um ritmo batizado como ‘makunaimeira’, sendo esta a fusão de distintos ritmos e instrumentos amazônicos e latinos” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009, p. 29).

A indagação 4, foi direcionada para as *festividades juninas em Boa Vista – RR*, desde a possível semelhança com as do Sudeste e do Nordeste, bem como o seu contato com essa cultura trazida (ou não) pelos migrantes, tendo em vista o “pós-Era do Rádio” e a chegada da primeira transmissora de Televisão em 1975:

Não, é bem diferente. A quadrilha junina, a festa junina do Ceará, por exemplo, na

minha adolescência, na minha juventude é muito diferente do que é a festa junina aqui em Boa Vista (TAPEBA, 2016, s/p).

Não (havia no passado). Então, isso já começa em um novo formato, no Estado Federado. No Território as festas eram mais pontuais, com grupos separados, [...] e aconteciam no meio rural (PEIXINHO, 2016, s/p).

Lá tem uma festividade junina muito grande, [...] a festa junina do Rio de Janeiro também é forte, mas a daqui não se compara com nenhuma festa do Sudeste, daqui da região Norte [...] mas são duas festas diferentes (MARACANÃ; XIRÚ, 2016, s/p).

Tu sabes que todas essas quadrilhas são europeias na verdade, e aqui elas foram tomando vamos dizer assim, sotaques regionais, no fundo no fundo é tudo pastiche de uma quadrilha europeia que não existe mais (INGARIKÓ, 2015, s/p).

A quadrilha é uma dança francesa, que foi trazida para o Brasil junto com os migrantes italianos, e a *polka* com os alemães, que foram para o Sul e Sudeste. Com o apogeu da Era do Rádio, tivemos um hibridismo desses, com outros estilos musicais latino-americanos como o: “tango, lundu ou landu são as composições musicais, que juntamente às polcas, valsas e quadrilhas fazem parte dos nossos divertimentos familiares” (MELLO apud BENETTI, 2015, p. 359).

Percebemos assim, que o ser humano possui essa capacidade inata e intrínseca de manifestar-se, ora individualmente ou coletivamente, interagindo com outros sujeitos formando o que Woodward (2000), define como uma visão diferente e contraditória de identidade, cujo núcleo essencial, distinguiria um grupo do outro.

Os aspectos rítmicos dos batuques, lundu, modinha tornaram-se elementos fundamentais para emersão do baião no Nordeste brasileiro bem como forneceram sementes para a organização de cancionário popular no Brasil (MORAES, 2009, p. 11).

Indagamos na pergunta 5 aos entrevistados, sobre o seu *contato e/ou conhecimento de manifestações ou movimentos culturais em Boa Vista – RR, bem como da integração ou participação nos tais.*

Uma das primeiras que fiz aqui foi procurar o CTG, pra mim poder chegar mais perto da cultura que tinha deixado um pouco para trás [...] (MARACANÃ; XIRÚ, 2016, s/p).

Vem um grande contingente do Nordeste, e essas famílias começam a se reunir e a desenvolver, aquilo que eu considero encontros culturais de grupos. Os grupos dos nordestinos com a predominância do forró, os grupos sulistas com a utilização do chimarrão e das danças que representavam a região Sul, quando eu falo região Sul, eu estou incluindo pessoas que vieram tanto do RS, como de SC, do PR, nesse contingente sulista para a região, e que tem uma representação de manifestação cultural muito semelhante, como o chimarrão, com as músicas muitos parecidas, com muitas variações, mas muito parecidas. A partir desses contingentes surgiu a ideia de criar um CTG, no final dos anos 1970, por volta de 78, 79 mais ou menos (PEIXINHO, 2016, s/p).

Antes da transformação do Estado [os migrantes estavam presentes] [...] e o Roraimense eclode em 1984, já na tentativa de transformar isso aqui em um Estado [...] Eu até digo que como é um movimento de construção de identidade. [...] O CTG

é uma espécie, como são migrantes de vários lugares, o que esses migrantes fazem quando chegam aqui? Eles procuraram se integrar, eles procuraram compartilhar, eles procuram se misturar? Miscigenar, não. Eles se re-tribalizam, gaúcho com gaúcho e fundam o CTG. [...] Então o CTG passou a ser aqui, um pedacinho do Rio Grande do Sul aqui, onde as pessoas podiam botar a roupa de gaúcho, ouvir a música gaúcha. Os maranhenses criaram a associação dos maranhenses, os italianos podiam ser italianos aqui (INGARIKÓ, 2015, s/p).

**Na pergunta 6, indagamos sobre o esse contato com a cultura gaúcha, com os migrantes gaúchos, e se há alguma aproximação das culturas:**

Nós temos parte desse grupo de Santa Maria – RS. [...] Então nós vamos ter no começo dos anos 1970 e perto da segunda metade dos anos setenta esse Projeto Rondon com a Universidade (Federal) de Santa Maria, aonde esses professores da região Sul vieram ministrar cursos para parte desses professores leigos. Com tudo, nós vamos ter uma grande migração de militares, e desses militares que vem para o 6º BEC, as esposas tem formação de licenciatura e elas começam a atuar nas escolas de ensino público do Território, que nós chamávamos de primeiro e segundo grau. Esse grupo de sulistas principalmente vinculados ao exército [...], criaram o CTG. [...] Só com a nova diretora e o novo formato já nos anos 1980 do CTG, é que eles ocupam então aquele espaço na [Avenida] Brigadeiro (PEIXINHO, 2016, s/p).

Em 1998 eu trouxe aqui um poeta gaúcho, um grande nome da poesia gaúcha, que é o Pedro Júnior da Fontoura, um poeta declamador (e pajador) [...] e ele fez uma apresentação aqui. Eu me lembro que o patrão na época, reconheceu publicamente no discurso, que o CTGNQ estava aqui, e estávamos nesse momento em 98, e quem trouxe um poeta gaúcho pra Roraima foi eu, que sou roraimense. O CTGNQ nunca trouxe um poeta gaúcho pra Roraima até então (INGARIKÓ, 2015, s/p).

**Algo inusitado aconteceu no CTGNQ, que foi a escolha do cearense Antônio Leocádio Vasconcelos Filho, para ser o patrão do CTG, que exerceu a função de patrão durante 2007 a 2009 e, retornou como patrão em dezembro de 2017. Indagamos na questão 7 aos artistas a relação deles com o mesmo, tendo em vista a presença de migrantes nordestinos:**

O CTG não é um Centro de Tradições apenas para gaúchos, o que a gente faz lá dentro, é as tradições que vieram do Rio Grande do Sul, não necessariamente somente quem é do Rio Grande do Sul pode participar dos seus eventos (XIRÚ, 2016, s/p).

Ele foi o único cearense patrono do CTG, é uma coisa que acontece apenas em Roraima, um Centro de Tradições Gaúchas ter um cearense como patrono. Sim, nesse momento, as bandas do forró ganham uma força imensa quando o CTG começa a abrir as portas para estas festas (INGARIKÓ, 2015, s/p).

**Percebemos que os roraimenses apontaram que também aconteceu um processo de hibridismo e que sem perceber, estamos em constante mutação. Eis um exemplo:**

Se tivesse nascido no Congo ao invés de uma Saxônia, não poderia Bach ter composto nem mesmo um fragmento de coral ou sonata, se bem que possamos confiar igualmente em que ele teria eclipsado os seus compatriotas em alguma espécie de música (LARAIA, 2001, p. 44-45).

**Esse sujeito híbrido é moldado pelo ambiente no qual está inserido, como o**

hipotético exemplo de Bach nascido no Congo. Percebemos que “a cultura está em transformação permanente, tanto por forças externas, quanto pela sua própria dinâmica” (PEREIRA, 2010, p. 192), e essa subjetividade também está se passa na música boavistense.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos compreender de que maneira a subjetividade da musicalidade gaúcha contribuiu para as múltiplas identidades da musicalidade boavistense, e analisamos nas festas juninas e/ou julinas, acerca dessa subjetividade e inferências do hibridismo. Após as entrevistas e observação *in loco* nos eventos juninos e/ou julinos, podemos considerar que, há traços do hibridismo com a realidade cultural da música difundida em Boa Vista – RR, que está inserida na Amazônia Caribenha.

Os entrevistados roraimenses afirmaram que além do rádio, o contato com a cultura gaúcha se deu por meio do Projeto Rondon, da vinda dos militares gaúchos e principalmente pela intensa migração em busca do garimpo. Esse contato com essa musicalidade difundida em Roraima, eclodiu primeiramente por meio das características rítmicas do xote de Pedro Raymundo e do baião de Luiz Gonzaga, além da *polka* executada no Sul e Sudeste, bem como as quadrilhas presentes no Sudeste e Nordeste e que se fazem presentes em Roraima.

Em segundo lugar, o instrumento peculiar das regiões dos migrantes gaúchos e nordestinos, é a sanfona, e/ou acordeom, e/ou gaita, enfim, esse instrumento está presente nas bandas locais, e conquistou a sua importância no cenário musical. Reiteramos que a execução sincopada do fole, possibilitou um novo colorido rítmico e envolvente para as danças.

Em terceiro lugar, por meio dos estilos musicais presentes nessa região, encontramos as raízes estilísticas da vaneira dos gaúchos, no caso a *habanera* que dialoga com o estilo musical makunaimeira, e faz uma ponte entre as culturas. Podemos concluir que a *habanera* ao hibridizar com os estilos musicais lundu e *polka*, produziu outros estilos e gêneros, como o maxixe, samba, vaneirão, coco, baião, forró, cateretê, cururu, carimbo e, em Roraima, o makunaimeira. O estilo musical Makunaimeira está em transformação contínua até o presente momento e, esse estilo musical foi utilizado em algumas composições do Trio Roraimeira e artistas regionais.

Outra constatação foi a afinidade da musicalidade do CTG Nova Querência com as manifestações boavistenses, que utilizam em suas apresentações estilos musicais como o xote, a marcha, o forró, e o chamamé, conforme verificado nas apresentações dos Arraias promovidos pelo Governo Municipal e Estadual. O Trio Roraimeira utiliza além do estilo musical makunaimeira, o xote, que foi utilizado na composição *Neto do Nordeste*

Nesse sentido, consideramos que o CTGNQ cumpriu o seu papel em disseminar a

cultura gaúcha por meio do tradicionalismo e integrou diversas apresentações artísticas não oriundas dos gaúchos. Reiteramos que outras festividades como as festas juninas e/ou julinas, começaram a ter relevância em Boa Vista – RR, a partir de 2000, ficando assim, desde a sua fundação, o CTGNQ como uma instituição fomentadora e aberta para realizações culturais.

## REFERÊNCIAS

BENETTI, Gustavo Frosi. **Guilherme de Mello revisitado**: Uma análise da obra A Música no Brasil. 2015. 677 f. Tese (Doutorado em música) - Curso de Música, Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 395 p.

CHEDIAK, Almir. **SongBook Luiz Gonzaga**: volume 2. São Paulo: Irmãos Vitale, 2013. 152 p.

FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. **Clio**: Revista de Pesquisa Histórica, Recife, v. 2, n. 25, p. 92-112, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

INGARIKÓ. depoimento. [dez. 2015]. Entrevistador: SILVA, Marcos Vinicius Ferreira da. Boa Vista: UFRR, 2015. 1 CD. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 117 p.

OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia; SOUZA, Carla Monteiro de. Identidade e poesia musicada: panorama do movimento roraimeira a partir da cidade de Boa Vista como uma das fontes de inspiração. **Revista Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 3, n. 6, p. 27-37, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5654/actageo2009.0306.0003>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; DUARTE, Rosangela (Org.). Música e Educação em Roraima. In: OLIVEIRA, Regina Cajazeira; Alda. **Educação Musical no Brasil**. Salvador: P&A, 2007. p. 359-364.

PEIXINHO: depoimento. [junho. 2016]. Entrevistador: Marcos Vinicius Ferreira da. Boa Vista: UFRR, 2016. 1 CD. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. Do literário ao identitário: Espaço e tempo nas representações da Amazônia ribeirinha. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Org.). **Para além da identidade**: Fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 181-202.

PERES, Leonardo Rugero. **A sanfona de oito baixos na música instrumental**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/343307632/A-Sanfona-de-8-Baixos-e-a-Musica-Instrumental-leo-pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.

SILVA, Marcos Vinicius Ferreira da. **CTG Nova Querência**: Contribuições na construção da musicalidade em Boa Vista – RR. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado em letras) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2017.

SOUZA, Carla M. de. **História, memória e migração**: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos radicados em Roraima. Porto Alegre, 2004. (sic). Tese (Doutorado

em História). Instituto de Filosofia de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

TAPEBA: depoimento. [maio. 2016]. Entrevistador: Marcos Vinicius Ferreira da. Boa Vista: UFRR, 2016. 1 CD. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

TAUREPANG. depoimento. [junho. 2016]. Entrevistador: Marcos Vinicius Ferreira da. Boa Vista: UFRR, 2016. 1 CD. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

WEIS, José. Os 100 anos de Pedro Raymundo e a invenção do gaúcho. **Jornal Extra Classe:** Jornalismo além da superfície. Porto Alegre, p. 1-4. jul. 2006. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2006/07/os-100-anos-de-pedro-raymundo-e-a-invencao-do-gaucha/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

XIRÚ; MARACANÃ. depoimento. [junho. 2016]. Entrevistador: Marcos Vinicius Ferreira da. Boa Vista: UFRR, 2016. 1 CD. Entrevista concedida ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 1. p. 7-72.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO:** Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-105-3

